

REPRESENTAÇÃO DA LÍNGUA E DA IDENTIDADE CULTURAL NO FILME *DANÇA COM LOBOS*

REPRESENTATION OF LANGUAGE AND CULTURAL IDENTITY IN THE FILM *DANCES WITH WOLVES*

*Luana Anastácia Santos de LIMA**

Resumo: O presente artigo objetiva analisar o filme *Dança com lobos*, o qual demonstra o quanto o contato sociolinguístico entre grupos sociais pode influenciar na aquisição de uma nova identidade cultural. No referido filme, um tenente americano ao se instalar, por muito tempo, em um forte habitado por índios da tribo Sioux, acaba não só por incorporar a nova cultura, mas assume uma nova identidade, ocorrendo o mesmo com os integrantes da tribo. A análise realizada comprova a força existente na relação permutável entre língua e cultura.

Abstract: This article aims at analyzing the film *Dances with wolves*, which it shows the influence of the sociolinguistic contact between social groups on the acquisition of a new cultural identity. In the referred film, an American lieutenant goes to a military center where the Sioux Indians live, and there, he learns not only a new culture, but gets a new identity, occurring the same process with the Indians. The realized analysis proves the strength in the exchange relationship between language and culture.

Palavras-Chave: Língua; Identidade Cultural; Relação Permutável.

Keywords: Language; Cultural Identity; Exchange Relationship.

1 Considerações iniciais: uma breve reflexão

Um país, uma nação, forma sua identidade pela preservação dos costumes, passando a ser conhecida por suas tradições. Uma sociedade é dotada de culturas ímpares as quais formam várias identidades. A identidade – pessoal ou coletiva – é um processo dinâmico, no qual estão representados os patrimônios primordiais de uma sociedade, como a língua, a religião, a tradição, entre outros. Neste contexto, enfocaremos o estudo da língua, como um fator

* Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Contato: luana_lima18@hotmail.com.

caracterizador da identidade cultural a partir do filme *Dança com lobos*.

No referido filme, encontramos aspectos que remetem a identidades culturais que o personagem principal – o tenente John Dunbar, assume ao se integrar a uma nova comunidade, formada por índios da tribo Sioux, fato este que reflete, claramente, a incorporação dessas identidades culturais, tanto por parte de Dunbar, quanto por parte dos índios, mediada pela língua.

É através da necessidade de comunicação que ambos os grupos internalizam aspectos uns dos outros e, conseqüentemente, aspectos culturais, os quais culminaram, inevitavelmente, na aquisição de uma nova identidade cultural por parte de ambos os grupos.

Diante disso, pode-se afirmar que a língua assume uma função mediadora entre as identidades apresentadas no filme, funcionando como um instrumento de correlação entre vários aspectos de ambos os grupos.

Dessa forma, fica claro que nossa hipótese, neste trabalho é que, a partir da interação social dos dois grupos, haja a necessidade de comunicação, forçando, assim, o uso da língua e, conseqüentemente, a construção de novas identidades culturais.

Nosso objetivo será investigar, no filme, quais aspectos corroboram ou não à nossa hipótese, bem como destacar alguns autores que contribuem com nossa análise, sobretudo, a partir do estudo da língua e da identidade cultural, a fim de fundamentarmos nossos dados achados.

Além disso, pretendemos situar o leitor do presente artigo acerca do enredo do filme analisado, bem como de seu contexto histórico, a fim de poder facilitar a compreensão e justificar a temática abordada no mesmo.

2 Aporte teórico

2.1 Língua: fator social e comunicativo

Existem, atualmente, muitos estudos voltados para as práticas discursivas, nos quais a língua é vista como uma unidade social, cuja significação dessas técnicas resulta em produções de sentidos. Tal fato motiva a linguagem como um instrumento comunicativo, à

proporção que os sujeitos em momentos interlocutivos, a utiliza como mecanismo ideológico para influenciar os seus semelhantes.

Diante disto, os sujeitos são motivados por práticas sócio-discursivas bastante diversificadas, as quais estarão sujeitas a variações linguísticas, no que tange às contextualizações específicas para a produção concreta de fala ou discurso. Sendo assim, as diversas manifestações linguísticas não são assistemáticas, e muito menos, desprovidas de sentido.

Logo, qualquer manifestação sócio-discursiva é um resultado intrínseco entre emissor-receptor no ato da comunicação enunciativa. Tal fato gera grupos sociais com características, funções, influências e poderes diferentes, além de trazer para a linguagem a dimensão de ação sobre o comportamento do outro.

É oportuno registrar que as mudanças linguísticas não são prejudiciais e não trazem nenhum dano à sociedade, ao contrário, torna visível a particularidade humana, isto é, fazem uso das diversas possibilidades existentes nesse processo de linguagem e interação humana.

Para tornar mais claro a discussão acerca da linguagem, Koch (2007) enfatiza a necessidade de que é necessário compreendermos como funcionam os dois traços distintivos que permeiam às práticas interativas e sociais entre os sujeitos, no momento de uma interação verbal.

Assim sendo, podemos destacar o processo enunciativo e a enunciação, como dois elementos que refletem no jogo interacional entre os sujeitos interactantes que se utilizam da língua para proporcionar uma maior abrangência interlocutiva nas trocas conversacionais de interação social da linguagem. Ainda sobre o processo de enunciação, podemos caracterizá-lo também como um conjunto de arranjos linguísticos praticados como ação verbal (cf. DUCROT, 1972).

Em suas reflexões acerca da linguagem, Koch (2007, p. 17) enfatiza a necessidade de compreendermos a língua como um sistema intersubjetivo. Para tanto, ela apoia-se no francês Benveniste (1989, p. 63), sobre aspectos enunciativos da língua, que a entende como um produto social “[...] somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém junto os homens, o fundamento de

todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade” (BENVENISTE, 1989, p. 63).

Koch (2007, p. 11) defende a ideia de que, em um processo interlocutivo, os pesquisadores da linguagem focalizem a necessidade:

A teoria da enunciação tem por postulado básico que não basta ao linguista preocupado com questões de sentido descrever os enunciados produzidos pelos falantes de uma língua: é preciso levar em conta, a *enunciação* – ou seja, o evento único e jamais repetido [...] (KOCH, 2007, p. 11).

Sobre esta citação, a autora considera imprescindível a postulação da subjetividade da linguagem e considera a fala como unidade real da língua, à medida que, o que vai interessar para a linguística de texto são os atos verbais proferidos em situações dialógicas entre sujeitos sociais inseridos em um dado contexto pragmático.

Segundo Benveniste (1989, p.87), “[...] o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo”. Isso determina a estrutura do quadro figurativo da enunciação, o do diálogo, que tem obrigatoriamente um *eu* e um *tu*. Os dois participantes alternam as funções, caracterizando-se como parceiros e protagonistas na situação de enunciação. Isso, na verdade, vai criar uma relação intersubjetiva entre as pessoas do enunciado.

Portanto, acreditamos que a teoria da enunciação, caracterizada por uma teoria da subjetividade na linguagem, pode contribuir significativamente na concepção de língua, linguagem, de sujeito, de sentido, uma vez que todas as práticas sociais envolvem aspectos que tratam da compreensão interlocutiva.

2.2 Identidade e Língua

A partir do princípio de que a língua é um dos instrumentos mais fortes de identificação cultural, podemos afirmar que, segundo a nossa hipótese, a apropriação de outra língua, ou seja, uma língua não-materna, não requer, necessariamente, uma lacunização entre aspectos culturais e linguísticos entre sujeitos sociais de comunidades

diferenciadas, à proporção que há um novo reordenamento do processo aquisitivo das trocas linguísticas e culturais presentes nos personagens, no momento em que presenciamos uma interação face a face, por exemplo, como também um dialogismo gestual, segundo o qual possibilitará uma conversação enunciativa.

A partir de uma nova ordenação de fala presente nos personagens inseridos no filme, constatamos que há um novo redirecionamento estilístico no processo identificatório linguístico e intercultural, haja vista que a língua reflete diretamente nos preceitos culturais. Desta forma, a linguagem vem corroborar o alargamento das múltiplas possibilidades de interação intersubjetiva, a qual, sendo um mecanismo constitutivo de comunicação, torna-se, um elemento de subjetividade dialógica entre os participantes envolvidos nas práticas sociais de interação.

Segundo Bonte e Izard (1992, p. 188), a cultura tem sido considerada como “uma relação entre o estado de uma tradição, de uma aquisição social e de um processo individual de aquisições intelectuais e morais”, logo, conclui-se que, na medida em que os grupos sociais abrem-se, para uma espécie de contrato pré-estabelecido acerca do que Bortoni-Ricardo (2004), definiria como um tratado de cooperação linguística, assim sendo, o convívio entre os membros de comunidades diversificadas, teria, certamente, uma convivência pacífica, mesmo que preexistissem fatores inter-culturais divergentes, como, por exemplo, fator linguístico ou práticas de socialização entre os participantes de uma interação.

Portanto, todos os fatores divergentes citados anteriormente servirão, sem dúvida, para um intercâmbio de enriquecimento ideológico e social, através das trocas multiculturais.

Essa pressuposição nos leva a afirmar que, inicialmente, teremos uma heterogeneidade cultural presente entre os participantes de comunidades não-semelhantes, mas a partir de uma maior inter-relação dos participantes culturalmente distintos, ou seja, de culturas também distintas, ocorrerá, ao longo dessa nova reordenação de arranjos culturais, uma homogeneização cultural, em que todos os participantes sociais começam a compartilhar costumes, hábitos, crenças e regras variáveis de comunicação sociolinguística, tornando, dessa forma, preceitos anteriormente distintos, em regras sociais que abrangem nessa nova comunidade social e linguisticamente semelhante.

Tal afirmação, só foi possível, porque através de análises observacionais do filme, *Dança com lobos* (1990), pudemos lançar tal crítica de cunho sociolinguístico interacional¹².

O sujeito se constrói através das identidades que assume, e, sendo a língua um fator histórico, social e simbólico de identidade nacional, logo, é caracterizadora de uma cultura identitária. A língua é flexível e o indivíduo a toma de acordo com a sua necessidade. Mas, é preciso lembrarmos que, o despertar de uma nova identidade cultural, através da língua, só ocorre, de fato, se houver uma ligação do espaço geográfico e social. No filme *Dança com lobos* (1990) é fácil percebermos essa homogeneidade dada à língua e a cultura.

Veremos a diante, na análise do filme que, a necessidade de comunicação despertou em Dunbar, personagem principal do filme, o desejo de compreender a língua do outro. Fica evidente, nas primeiras cenas do filme, a estereotipização, que os personagens fazem uns dos outros, principalmente da imagem que os índios possuíam acerca do “homem branco”, caracterizando-o como cruel. Em contrapartida, o “homem branco” também infere valores negativos sobre as posturas dos índios, atribuindo lhes valores tais como: assassino e ladrão.

Essa transposição de ideologias acerca das atitudes diferenciadas aos grupos sociais, os quais os sujeitos discursivos estão inseridos, ocorre, porque passamos a ver o “outro” como sendo um elemento que está inserido em nossa perspectiva sociocultural. Por conseguinte, acabamos universalizando nossos pensamentos. Ortiz (2006, p. 8) vem a corroborar tal afirmação, uma vez que ele afirma que “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior.”

Quando os sujeitos do filme passam a ter um contato linguístico e social mais abrangente, que a princípio é realizado através da linguagem não verbal (mímicas), eles passam a respeitar-se, através de uma pacificação sócio-cultural. Dessa forma, a aculturação vai ocorrendo e acaba dando início ao surgimento de novas identidades culturais.

Para tornar mais clara esta discussão, Hall (2000, p.13, grifo do autor), dialoga que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de

¹² O leitor entenderá melhor tal crítica, visitando o item 4 do presente artigo.

um ‘eu’ coerente.” Isso porque o sujeito está cercado por novas culturas, absorvendo-as quase por “osmose”.

Outra característica que merece ser respaldada é que Dunbar, mesmo convivendo com uma segunda cultura, não abandona seus traços de origem. Essa constatação foi possível quando o referido personagem citado acima utiliza-se de armas de fogo, tanto na caça, quanto na batalha entre grupos culturais distintos.

Diante disto, podemos afirmar que as diversas culturas que existem podem ser usufruídas coletivamente sem que haja uma proibição do sujeito de possuir outra cultura, ou seja, a sua cultura de origem, em momentos distintos, e esse fato faz com que “não exista uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades” (ORTIZ, 2006, p. 8).

Com isso, entendemos que a língua, no filme *Dança com Lobos*, é uma intermediária entre a identidade do “homem branco” e a identidade do “índio”, uma vez que ela faz a aproximação de ambos, culminando em trocas interculturais divergentes.

O personagem principal do filme - o tenente Dunbar, quando passou a ter contato com os outros povos, assume internamente identidades diferentes, a partir das quais são vivenciadas nas diversas instâncias sociais.

Nesse sentido, Hall (2000, p. 16) destaca que “se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu”.

A partir desse raciocínio, corrobora-se que a crença de uma identidade unificada resulta de um pensamento multifacetado, pois a partir do momento em que o sujeito se relaciona com múltiplas instâncias sociais, ele sofre modificações e, conseqüentemente, mudanças na sua rede cultural, criando, assim, uma infinita representação cultural, mas não perdendo totalmente sua identidade de origem.

Nesse contexto, é impossível não constatar que um dos fatores responsáveis por tal processo é a língua, a qual funciona como um instrumento mediador entre instâncias sociais e as mudanças que ocorrem no meio cultural do falante, passando, assim, a diversificar as atividades desenvolvidas pelo mesmo.

A este respeito, ecoamos Bronckart (2003, p. 37), o qual afirma que “o homem só tem acesso ao meio no quadro de uma atividade mediada pela língua”, isto é, este meio ao qual o autor se refere, constitui, justamente, as várias atividades sociais que um indivíduo pode desenvolver em determinados contextos e que serão sempre mediados pela língua.

Na perspectiva do filme *Dança com lobos*, veremos que a língua funciona como uma instância mediadora da comunicação entre “brancos” e “índios” modificando bruscamente o meio cultural de ambos os grupos e diversificando as atividades por tais grupos desenvolvidas, além de influenciar na aquisição de uma nova identidade.

O próprio Bronckart (2003, p. 31) advoga, a este respeito, que “a espécie humana caracteriza-se, enfim, pela extrema diversidade e pela complexidade de suas formas de organização e de suas formas de atividade”. Assim, percebe-se a todo tempo o relação intrínseca entre cultura e identidade mediada pela língua.

Porém, para que entendamos melhor a (s) temática (s) que permeia (m) o filme, realizaremos, no tópico a seguir, uma breve discussão a cerca do enredo do filme, bem como do seu contexto histórico, para que fique claro para o leitor o porque da escolha da referida análise.

3 *Dança com lobos*: informações importantes

3.1 O enredo do filme

*Dança com lobos*¹³ (*Dances with wolves*, 1990) é um filme produzido em 1990, estilo Western¹⁴, e considerado um grande desafio para sua época devido à decadência desse gênero fílmico em apresentar produções exacerbadas do Velho Oeste Americano.

O filme relata a experiência vivenciada pelo tenente John Dunbar – um oficial da cavalaria americana, o qual foi condecorado

¹³ Todo o enredo exposto neste ponto do artigo é com base nas informações do filme *Dança com lobos* (1990), no original *Dances with wolves* (1990).

¹⁴ Estilo cinematográfico conhecido pela extensiva presença de “cowboys” em suas tramas, típico de filmes norte-americanos, referindo-se à fronteira do Oeste norte-americano durante o período de colonização (WIKIPÉDIA).

por bravura, se destacando como herói durante a Guerra de Secessão¹⁵. Seu ato heroico lhe rendeu o privilégio de escolher onde servir, e assim, o corajoso cavaleiro decidiu seguir para um posto isolado na fronteira da América do Norte.

Neste posto, Dunbar encara um forte solitário, tendo que enfrentar a convivência com a tribo indígena dos Sioux¹⁶. Esta convivência revela a possibilidade de uma relação de amizade forçada, a princípio, pela necessidade, mas que depois se torna quase que um laço de sangue.

No início, a relação dos Sioux com Dunbar se estabelece pela necessidade de comunicação com o intruso que se “apropriara” de sua terra, o qual caracteriza-se como sendo um corpo estranho naquela comunidade, e que representa a face de outros visitantes não muito bem vindos outrora.

Vale salientar que, essa comunicação não se deu pacificamente por todos os integrantes da tribo, havendo resistência de alguns, devido à experiência mal sucedida com os “homens brancos” que a tribo enfrentara e que, para muitos da tribo, é sinônimo de destruição, dizimação e morte.

A tribo dos Sioux era chamada pela Guarda Americana de “peles-vermelhas”, considerados selvagens e seres passíveis de serem domados como cavalos e búfalos, já os tenentes da Guarda Americana eram chamados pelos Sioux de “Brancos”, considerados como os homens que eram responsáveis pela dizimação da população indígena devido o expansionismo dos Estados Unidos sobre os territórios indígenas da América do Sul.

Porém, com o passar do tempo, Dunbar foi se mostrando não apenas um ótimo aprendiz da cultura indígena, mas um homem de confiança da tribo, o qual mesmo tendo a cultura branca no sangue, parecia enxergar de modo diferente o quão rica se mostrava a cultura da Tribo dos Sioux. Vale salientar que, todo esse contexto de

¹⁵ A Guerra de Secessão, também conhecida como “Guerra Civil Americana”, foi um movimento militar liderado pelos Estados Unidos em busca de expansão territorial, ocorrido pelo crescimento desigual de suas regiões, sobretudo, regiões Norte e Sul. Para mais, conferir Figueira (2000, p. 254-258).

¹⁶ Tribo conhecida, também, como Dakotas ou Lakotas, os quais espalharam-se pelos estados de Dakota do Norte e do Sul, no centro-norte dos Estados Unidos. A origem do termo Sioux tem a ver com a expressão *serpente* pelo fato de serem ótimos na guerra (WIKIPÉDIA).

aproximação mediado pela linguagem, se deu pela necessidade de comunicação entre ambos os grupos.

Sem visitas dos homens da guarda Americana, seu diferente olhar para a tribo acaba se acentuando em todos os aspectos e todos os dias, fortalecendo esse sentimento pacífico e a confiança de ambos os lados, mesmo pertencendo a culturas diferentes.

Com laços estreitados, era inevitável uma (re) adaptação de costumes de ambos os lados, tanto de Dunbar para com os Sioux, quanto dos Sioux para Dunbar. Tudo era muito novo, ao mesmo tempo em que se mostrava divertido, interessante e indispensável. Afinal, esse limite entre culturas tinha que ser superado para que houvesse o contato, a comunicação e a possibilidade de entender um ao outro.

Esse contato rendeu uma aproximação inesperada para Dunbar com uma integrante da tribo, porém, que não pertencia, de fato, àquela cultura, pois a mesma era branca e devido à um ataque indígena de outra tribo àquela região, teve toda sua família dizimada, sendo a única sobrevivente, e por ser ainda muito pequena na época, teve, portanto, que passar a viver com a tribo dos Sioux.

Todo esse contexto de ambos os personagens desemboca em uma aproximação ainda mais forte, selada, mais tarde, por laços afetivos, pois, os mesmos se relacionam tão intensamente, chegando a se casarem, e fortalecendo o vínculo de Dunbar naquela comunidade indígena.

O tempo não para, e seu passar tem contribuído para que Dunbar assuma uma nova identidade, não perdendo totalmente a sua identidade de origem. Isso o perturba pelo fato de confundir a si próprio sobre quem ele realmente é e à que cultura realmente pertence.

Todavia, não demora, e logo a tribo é surpreendida pela visita da Guarda Americana, que tardiamente, viera em busca de Dunbar, o qual não é reconhecido pela mudança que sofrera em sua aparência, provocada pelo constante contato com a cultura dos Sioux e apreensão de costumes desta cultura.

Em luta da tribo com a Guarda Americana, a tribo, com a ajuda de Dunbar¹⁷, sai vitoriosa, desembocando na fuga de Dunbar com sua

¹⁷ De acordo com as atitudes de Dunbar, ao manter contato com os homens da Guarda Americana, ele demonstra rejeitar sua própria pátria, negar sua civilização, por não aceitar a prática de seu povo. Tal fato revela o grau de aproximação entre ambas as

esposa, haja vista que, por esta causa, a tribo estava vulnerável a outras visitas da Guarda em busca de Dunbar. Essa fuga acaba deixando, surpreendentemente, saudades e um exemplo de superação e aceitação de ambas as culturas para com outras culturas diferentes.

3.2 Contexto histórico do filme

Como mencionado anteriormente no decorrer do trabalho, *Dança com lobos* é um filme que expõe em seu enredo um processo de expansão dos Estados Unidos da América durante a Guerra de Secessão, sobretudo, em meio a territórios indígenas.

Por volta de 1860 os Estados Unidos, composto por treze estados – antigas colônias inglesas – estavam enfrentando um enorme desenvolvimento econômico, além do inevitável crescimento populacional.

Este processo de expansão estadunidense se deu de Norte à Sul do país, procurando incorporar a maior extensão de território possível aos Estados Unidos, cujo desenvolvimento da economia se dava de forma desigual.

Vale salientar que, esse processo expansionista resultou em grandes guerras, negociações imensuráveis e extermínio de grande parte da população indígena.

Autores como Figueira (2000, p. 255) corroboram tal afirmação mostrando-nos que “ao mesmo tempo em que adotavam essa política de aquisições [...], os Estados Unidos partiram para as guerras de conquistas, nas quais as maiores vítimas foram os índios [...]”.

Rumo ao Norte, tinha-se uma região extremamente industrializada, a qual este expansionismo trouxe como consequência um grande acúmulo de capital, gerando um rápido desenvolvimento na área da indústria, favorecendo, assim, o trabalho assalariado, no período colonial e um avanço no processo de urbanização.

Em direção ao Sul, tinha-se uma região mais dedicada a atividades agrícolas, com o predomínio da vida rural, a qual a economia era baseada na agro-exportação de algodão através da mão-

culturas e como esse processo contribui para que o sujeito assuma uma nova identidade.

de-obra escravista. Por caracterizar-se como uma região dependente de outras, industrialmente falando, o Sul era praticante de livre-cambismo.

Essa disparidade entre ambas as regiões desembocou em conflitos entre senhores de escravos do Sul e populações urbanas do Norte, dando origem a diferenças econômicas e culturais.

Figueira (2000, p. 256) afirma que:

A aristocracia rural do Sul, interessada em continuar vendendo seus produtos à Inglaterra e importando os artigos manufaturados de que necessitava, batia de frente com o Norte ao defender o livre-cambismo, ou seja, uma política de liberdade comercial sem taxas protecionistas.

A essas diferenças de origem econômica se somavam outras, de fundo cultural. No Norte, acabou se formando um grupo empresarial dinâmico e empreendedor, interessado no desenvolvimento nacional. No Sul, porém, continuava a predominar uma mentalidade rural, aristocrática, voltada aos interesses regionais [...].

Com esta disparidade, acentuou-se mais a vontade de separar ambas as regiões, explodindo tensões acumuladas e eclodindo a Guerra de Secessão, conhecida, também, como Guerra Civil Americana, tida como uma revolução social que teve como consequência a abolição do trabalho escravo, imposição do regime de trabalho assalariado e o pleno desenvolvimento das atividades industriais e urbanas, dando aos Estados Unidos a condição potência hegemônica assumindo a liderança entre os países do continente.

4 Análise do filme

Diante da análise feita acerca do filme, percebe-se que um dos aspectos mais relevantes se refere à nova identidade cultural assumida pelos personagens (*John Dunbar* e os *índios Sioux*), a partir do contato social mútuo e, consequentemente, da necessidade de comunicação, entre ambos os grupos distintos, por conseguinte, caracterizados como duas comunidades de fala diferentes.

De acordo com a autora Bortoni-Ricardo (2006, p. 160), “[...] uma relação social seleciona e até cria os meios comunicativos que lhe são apropriados ou específicos”, como ocorreu no referido filme, a

relação social dos personagens os levaram a uma intensa comunicação, a partir da qual, ambos os grupos se entendiam, interagiam e compartilhavam os mais variados aspectos, tais como: ideologia, costumes, crenças, entre outros. Nesse contexto, autores como Goffman (1998, p. 14), também acredita que “regras culturais estabelecem como os indivíduos devem se conduzir em virtude de estarem em um agrupamento e essas regras de convivência, quando seguidas, organizam o comportamento daqueles presentes à situação”.

Ao longo do filme, fica evidente que ao se integrarem, isto é, os personagens acima supracitados, internalizaram não somente aspectos da língua, como também da cultura, cujo objetivo era explicitar a influência que o fator social exerce sobre o fator linguístico. A esse respeito, Goffman (1998, p. 11) menciona a incapacidade de:

[...] citar variável social que não produz um efeito sistemático no comportamento linguístico: idade, sexo, classe, casta, país de origem, geração, região [...]. A cada ano, novos determinantes sociais do comportamento linguístico são apresentados.

Em outras palavras, o fator língua e o fator social são indissociáveis. E assim, pode-se, afirmar, que tem um efeito decisivo no que diz respeito à questão de identidade intercultural.

No caso do filme, a partir do contato social de ambos os povos, houve uma corporificação das línguas, devido à carência de interação/comunicação entre os mesmos, afetando diretamente a identidade (cultural) destes povos e culminando assim numa aculturação. Koch (2007, p. 128) advoga uma ideia nessa perspectiva, quando afirma que:

É preciso pensar a linguagem humana como *lugar* de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, por tanto, de *co-enunciação*.

Em outras palavras, é preciso encarar a linguagem não apenas como [...] instrumento de comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de inter-ação social.

Em suma, pode-se afirmar que há uma integração da variabilidade cultural dos dois povos, a partir das novas identidades

culturais que os mesmos assumem, permitindo assim, a interação tanto verbal, quanto não verbalmente entre ambos, de modo a permitir, de fato, a comunicação. E nesta perspectiva, Philips (1998, p. 30) corrobora com tal pensamento e afirma que “a variabilidade cultural na maneira em que os modos de comunicação verbal e não-verbal interagem na ordenação da fala”.

Considerações finais

O filme, *Dança com lobos*, representa de modo bastante fidedigno a relação entre língua e identidade cultural, como sendo uma inter-relação, na qual, ambos os elementos, integram-se em uma perspectiva sócio-discursiva e sociológica, motiva pelas relações antropológicas e linguísticas baseadas nas relações interculturais entre comunidades de concepções antagônicas, no que diz respeito às trocas de relações sociais.

A língua enquanto arranjo social tem, realmente, o poder de unificar culturas divergentes, em culturas convergentes, haja vista que ela tende, através da pragmatização, tornar os sujeitos sociológicos, falantes reais, em situações concretas de comunicação verbal, independente de qual cultura este sujeito tenha sido modelado, isto é, tenha adquirido inicialmente preceitos culturais de um determinado grupo social.

Portanto, a linguagem verbal humana é um forte instrumento de socialização cultural, uma vez que é caracterizada como um código linguístico que serve para reordenar certos grupos distintos socialmente em grupos caracterizados que coadunam dos mesmos preceitos culturais, sociais, ideológicos e linguísticos, através de uma unificação antropológica baseada nas relações identitárias sociologicamente comuns.

Referências

- BENVENISTE, Émile. *O aparelho formal da enunciação*. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.
- BONTE, Pierre; IZARD, Michel. *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. PUF: Paris, 1992.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, 2003.

DANÇA COM LOBOS. Produção de Kevin Costner. Estados Unidos: Editora NBO, 1990. 1 DVD (183 min.): DVD, color.

DUCROT, Oswald; SCHAEFFER, Jean-Marie. *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Essais, Points, Editions du Seull, 1972.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. *História*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro (Org.). *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PHILIPS, Susan Urmston. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro (Org.). *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

RIBEIRO, Branca Telles. *Antropologia, linguística e sociologia e análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_western>. Acesso em: 06 de julho de 2011.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sioux>>. Acesso em: 06 de julho de 2011.

Recebido em 12 de julho de 2011

Aceito em 25 de setembro de 2011